
ADAPTAÇÃO DE O AUTO DA COMPADECIDA

**O LAUDO: UMA CENA CARIOCA DE PODER,
ESPERTEZA E DESIGUALDADE NA SAÚDE PÚBLICA**

Maria Fernanda Cândido Gomes
(1º ano EM - Cepae/UFG, Goiânia - GO)
Orientação: Profa. Elisandra Filetti Moura

Era fim de tarde na UPA da Tijuca, aquele momento em que a fila da triagem se esticava pelo pátio como um rosário sem fim, daqueles que ninguém tem coragem de terminar. O calor úmido fazia até as paredes suarem, pingando como se também estivessem esperando atendimento. O povo da comunidade, cansado de esperar desde antes do almoço, murmurava entre si; parecia que o barulho vinha direto das vielas da favela e entrava pela porta automática só para tumultuar ainda mais a sala de espera.

Lá dentro, atrás do balcão de vidro fosco que mal deixava ver seu humor, o Doutor Almir analisava fichas como quem lê um testamento cheio de dívidas. O homem tinha a fala mansa, mas uma prudência exagerada que quase dava para botar em frasco e usar como sedativo. De vez em quando levantava as sobrancelhas e soltava um suspiro dramático, desses que só chefe de setor sabe fazer, como se estivesse carregando nos ombros todos os problemas do SUS.

Foi então que João apareceu: magro, ágil, olhar leveiro de quem aprendeu desde cedo a se esquivar das armadilhas do mundo e dos buracos da escada do prédio. Ao lado dele, Chicó vinha tremendo como sempre, balançando as pernas e parecendo disposto a desistir de tudo, inclusive da própria sombra. João parou na porta de acesso restrito, olhou de um lado para, ajeitou a camisa amarrrotada no peito e respirou fundo.

(Ali, entre o cheiro de álcool 70, ar-condicionado fraco e gente resmungando, João se anunciou com a confiança de quem está prestes a negociar a paz mundial, mas que na verdade só quer furar um protocolo)

— Doutor Almir! Ô doutor, dá licença um segundinho? Negócio rápido, pô. É bronca daquelas.

(O médico levantou os olhos como quem acorda de um torpor e viu João se aproximando)

— O que foi agora, João? — perguntou, cansado, mas tentando manter um ar técnico. — Já deixei claro que não posso sair liberando exame assim, sem protocolo.

— Ah, doutor — João sorriu, aquele sorriso que misturava respeito e artimanha — é que chegou um laudo urgente aí. Urgente mesmo. O povo tá agoniado lá fora. Eu falei: calma,

gente, que o doutor resolve... mas aí depende né, doutor... depende do senhor querer ajudar o pessoal da comunidade.

Chicó, ao lado, murmurou baixinho:

— Ih, João, não inventa não, isso vai dar ruim...

(João cutucou o companheiro com o cotovelo, sem tirar o sorriso do rosto)

— O senhor não tá entendendo, doutor. A situação é séria. *Seríssima*. É laudo de tomografia, desses que só falta o papel gritar “bota pra rodar agora”. Se não liberar, mó risco, entendeu?

(O doutor cruzou os braços)

— João, você sabe muito bem como funciona. Eu não libero nada sem conferir identidade, sem registrar justificativa, sem seguir as diretrizes da Secretaria. O administrador tá aí, o subsecretário tá na cidade, não posso fazer besteira.

(João fingiu surpresa)

— O subsecretário tá por aqui? Quem, o *Seu Augusto Noronha*?

(O médico endireitou-se na cadeira)

— Sim. Ele está em circulação pelas unidades. E isso significa que tudo precisa estar impecável.

Foi aí que João respirou fundo, fingiu hesitação, e então soltou a bomba:

— Então é melhor liberar o laudo, doutor... porque esse exame aqui... esse exame é dele. Do Subsecretário Augusto Noronha.

O silêncio que caiu na sala parecia um apagão súbito. Chicó arregalou os olhos, quase desmaiou.

— João... pelo amor de Deus... — sussurrou Chicó — sem gracinha com o homem...

(O Doutor Almir ficou pálido, a caneta caiu da mão)

— Do subsecretário? — repetiu, trêmulo. — Como assim? Ele tá doente? Quando isso aconteceu?

— Aí eu já não sei, doutor. Só sei que o exame chegou a mando da assessoria dele. Veio avisado que era prioritário. E que se o senhor não liberasse logo... — João encolheu os ombros — aí já viu, né? Coisa de gente grande. Pessoal lá em cima não quer esperar não.

(*O medo do médico transformou-se imediatamente em obediência*)

— Me entrega isso aqui, João! Por que não disse isso antes, rapaz? Eu posso liberar sim, claro que posso! O subsecretário é autoridade máxima aqui! Se é dele, passa na frente de todo mundo!

Foi então que, como num relâmpago repentino, surgiu pela porta lateral Dona Lurdes, suada, com o cabelo preso num lenço florido, ofegante de tanto correr. Ela segurava na mão um envelope amassado.

— Doutor! Pelo amor de Deus, doutor! — disse, com a voz embargada. — Libera o laudo do meu marido! Ele tá lá dentro quase apagando, homem! Eu imploro! Ele precisa ser transferido pro hospital, tá ruim demais! O exame tá pronto há três horas! Três horas! E ninguém libera nada porque dizem que falta assinatura!

O doutor, ainda transtornado pela revelação de João, respiro fundo para tentar explicar:

— Minha senhora, eu sinto muito... mas agora não posso... estou lidando com uma demanda de prioridade máxima. Questão institucional...

Lurdes não acreditou no que ouvia.

— *Institucional?* — repetiu, com ironia ardida. — Meu marido tá quase morrendo ali dentro e é instituição que importa, doutor? Ele é trabalhador! Ele paga imposto! Ele é da comunidade, mas é gente igual aos outros! Pô, pelo amor de Deus, isso aqui é saúde pública!

João entrou no meio, procurando dramatizar:

— Dona Lurdes, calma... o doutor tá dizendo que não pode liberar... *porque o exame agora é de gente grande.*

(*Lurdes virou-se para o médico como quem vê uma injustiça gigantesca*)

— De gente grande? — disse, a voz crescendo. — Ah, então quer dizer que se fosse alguém “importante” o senhor liberava?

O doutor tentou manter a dignidade:

— Não é assim, minha senhora... existe protocolo...

— Protocolo o quê! — ela gritou. — Protocolo pra rico é um, pra pobre é outro, né? Eu já vi isso aqui milhões de vezes! É triagem que fura fila pra quem tem nome, é laudo que sai rapidinho pra quem tem cargo, é atendimento preferencial pra político! Isso tudo eu sei, doutor! Todo mundo da favela sabe!

João, percebendo o incêndio, jogou mais lenha:

— É, doutor... o pessoal aqui não é otário, não. A UPA roda num esquema aí que... pô, quem manda é quem tem sobrenome chique. Quem é só Lurdes da Silva fica esperando até cansar.

(*O doutor Almir, nervoso, enxugou o rosto*)

— Eu... eu não posso discutir isso com você, João. Vocês não entendem como a burocracia funciona...

— Entendo sim — disse Lurdes. — Funciona contra a gente. Sempre.

(*Ela ergueu o envelope*)

— Esse laudo aqui — ela balançou o papel — é do meu marido, Ademar. Um homem que nunca pediu favor pra ninguém. Só quer sobreviver. E o senhor tá dizendo que não libera isso porque apareceu alguém mais importante? É isso mesmo?

Nesse instante, entra apressado Valmir, o chefe da triagem, com seu jaleco impecável, seu olhar de arrogância, ajeitando os óculos escuros como quem ajusta a moral do ambiente.

— O que é essa confusão toda? — disse, olhando ao redor. — Que gritaria é essa num setor clínico? Respeito com a unidade!

— É o laudo da senhora, doutor — explicou Almir, apontando Lurdes como se ela fosse a causa de todos os males.

(*Valmir a analisou com desprezo*)

— Minha senhora, por favor... aqui não se faz escândalo. A senhora precisa aguardar. Temos prioridade de Estado no momento.

(*Lurdes apontou o dedo na cara dele*)

— Prioridade de Estado é meu marido vivo, seu doutor!

Mas Valmir apenas ajeitou os óculos, num gesto pedante, e murmurou:

— Qualquer pessoa que atrapalhar o fluxo será retirada.

João ergueu as sobrancelhas, ofendido:

— Retirada? Ih, parceiro, tá tirando onda com favela agora? Que é isso?

Valmir virou-se para Almir:

— Onde está o exame do subsecretário? Preciso registrá-lo. Isso aqui é coisa séria.

(*Lurdes arregalou os olhos*)

— *Subsecretário?* — repetiu, incrédula — Então é isso? Eu tô perdendo meu marido porque político furou fila de novo? Meu Deus... meu Deus... o que é que esse país virou?

(*João respirou fundo, assumindo a farsa até o fim*)

— É, dona Lurdes. O exame é urgente, é do homem grande. O doutor ficou até branco quando eu falei. Correu logo pra liberar.

(*Foi então que se ouviu uma voz firme vindo da entrada*)

— Que história é essa do meu exame? — disse um homem alto, de terno claro, acompanhado de seguranças. — Eu sequer fiz tomografia hoje.

(*Todos se voltaram*)

Era o Subsecretário Augusto Noronha em pessoa.

O silêncio ficou maior do que a própria UPA.

Almir empalideceu completamente.

Valmir perdeu o ar.

Chicó quase caiu duro no chão.

João sorriu.

— *Ih... deu ruim.* — murmurou Chicó.

(*O subsecretário caminhou até a mesa, encarando o doutor*)

— Estão usando meu nome para furar protocolo? Liberando exame sem autorização? O que está acontecendo aqui?

Lurdes respirou fundo e ergueu a voz, firme e digna como um trovão:

— O que tá acontecendo é que o senhor vale mais do que meu marido pra esse povo daqui. E o exame dele tá parado há horas, porque eles só se movem quando ouvem nome bonito.

(*O subsecretário ficou em silêncio*)

João então, com aquele ar de esperteza santa, completou:

— Mas foi bom o senhor aparecer, porque agora o protocolo muda, né? Já que o exame não é seu... pode liberar o da comunidade. Justo, né?

(*O subsecretário olhou ao redor. Parecia medir a vergonha institucional que o envolvia*)

— Libere o exame dessa senhora imediatamente — ordenou. — E façam a transferência do marido dela agora. E quero relatório completo sobre esse absurdo.

Valmir engoliu seco.

Almir também.

Lurdes chorou de alívio.

João sorriu.

Chicó, tremendo, murmurou:

— João... você ainda vai acabar excomung... digo... expulso da cidade por causa dessas coisas.

(*João bateu no ombro dele*)

— Ah, Chicó... mas se eu não fizer isso, quem faz? Favela não vive só de fé, vive de estratégia também, meu filho. Aqui, malandro não é quem faz besteira: malandro é quem faz o sistema trabalhar do jeito certo nem que seja no grito, na lábia ou no sufoco da hora!

Enquanto o laudo saía correndo pelos corredores, feito motoboy atrasado, a UPA da Tijuca virou um verdadeiro espetáculo: funcionário tropeçando em papel, médico correndo atrás de maca, segurança tentando entender quem era o importante da história... e o povo comentando como se fosse final de campeonato. No meio dessa confusão toda, tinha riso, indignação, aplauso, vaias, promessa de melhoria e até gente vendendo picolé na fila, porque no Rio, até tragédia tem plateia, e até burocracia dá samba. No fim, ficou provado que, quando o pobre se une, não tem protocolo que segure, não: o sistema treme mais que van descendo ladeira com freio ruim.